

#cm

2

QUINTA-FEIRA



Anna Paes e Guinga hoje de graça no Espaço BNDES

PÁGINA 3



Elisa Lucinda recorre às origens no mundo em peça

PÁGINA 7



Livro analisa o cinema de Walter Hugo Khouri

PÁGINA 8

O jazz renovado de

Kamasi

Washington

Saxofonista se apresenta nesta quinta no Circo Voador. Talento do novo jazz nacional, Jonathan Ferr abre a noite

Fernando Shlaepfer/Divulgação

Por Affonso Nunes

O saxofonista americano Kamasi Washington desembarca no Rio de Janeiro em apresentação pelo festival Queremos! nesta quinta-feira (4) no Circo Voador. Washington chega ao Brasil em momento de particular efervescência criativa, impulsionado pelo lançamento de “Fearless Movement”, seu mais recente álbum de estúdio lançado em maio de

2024. O disco representa uma nova fase na trajetória do saxofonista, que vem expandindo sistematicamente as fronteiras do jazz. Suas faixas transitam com naturalidade entre o hip hop e o jazz, incorporando scratches, batidas carregadas de groove e distorções que dialogam com o piano jazzístico tradicional, consolidando Washington como figura central do movimento que redefine o gênero para as novas gerações.

Continua na página seguinte

Nascido em Los Angeles em 1981, o saxofonista Kamasi Washington emergiu como uma das figuras mais transformadoras do jazz deste século, liderando um movimento que reconectou o gênero com audiências jovens e diversificadas.

Formado pelo renomado Departamento de Etnomusicologia da Universidade de Califórnia, onde estudou com lendas do jazz como Kenny Burrell e Billy Higgins, Washington construiu sua reputação inicialmente como sideman, participando de gravações que vão do hip hop experimental de Kendrick Lamar em “To Pimp a Butterfly” (2015) até colaborações com veteranos jazzistas como Wayne Shorter e Herbie Hancock.

Membro fundador do coletivo West Coast Get Down, grupo de músicos de Los Angeles creditado por revitalizar o jazz para as novas gerações, Washington desenvolveu uma linguagem musical que transcende as fronteiras tradicionais do gênero.

Sua abordagem artística incorpora elementos musicais distintos do soul, funk, hip hop e música clássica, resultando em composições de forte carga emocional e espiritual que dialogam tanto com a tradição jazzística quanto com as sonoridades contemporâneas. Mas o artista se firma também como um voz emergente na defesa da afirmação política, social e cultural das populações negras.

Seu álbum de estreia “The Epic” (2015), com suas três horas de duração, estabeleceu Washington como visionário capaz de criar narrativas musicais épicas sem perder a coesão artística. Trabalhos subsequentes como “Heaven and Earth” (2018) e o recente “Fearless Movement” (2024) consolidaram sua posição como líder de uma geração que redefine constantemente os limites do jazz, mantendo-se fiel às raízes do gênero enquanto explora territórios sonoros inexplorados. Sua versatilidade se manifesta também em colaborações que vão de Lauryn Hill a Snoop Dogg.

Relação com o Brasil

Cada vez mais em alta na cena internacional, Kamasi Washington nutre relações especiais com a música brasileira. Várias vezes, inclusive, manifestou admiração pública por instrumentistas como o saudoso mastro Letieres Leite (1959-2012) e pelos pianistas Amaro Freitas e

Kamasi Washington nutre uma relação especial com músicos brasileiros, notadamente com Jonathan Ferr, que abre a noite no Circo Voador



Um jazzista

a l i n h a d o

com o futuro do gênero

Jonathan Ferr, justamente o músico que dividirá o palco com ele no Circo Voador.

Apelidado pelo jornal El País de “garoto estandarte do jazz”, Ferr apresentará no show de abertura repertório de “Liberdade”, seu terceiro álbum. O pianista carioca conduzirá uma performance que conecta jazz, hip hop, neo soul e música eletrônica, mantendo como fio condutor os temas de espiritualidade, amor e cura que permeiam sua obra. A formação inclui bateria, baixo, teclado e saxofone, além da participação especial de Jefferson Placido, prometendo uma abertura à altura do headliner internacional.

O Circo Voador já foi palco de outras apresentações ao vivo de Kamasi Washington. Reconhecido pela intensidade de suas performances, o saxofonista

combina virtuosismo técnico com liberdade criativa e uma espiritualidade que transcende a mera execução musical.

O show marca também o retorno de Washington ao circuito de apresentações promovidas pelo Queremos!, produtora que vem construindo uma relação duradoura com o artista. Sua última passagem pelo Rio aconteceu durante o Queremos! Festival 2022, evento que também levou o músico a Porto Alegre e São Paulo.

SERVIÇO

KAMASI WASHINGTON
Circo Voador
(Rua dos Arcos s/nº - Lapa)
4/9, a partir das 19h
Ingressos a partir de
R\$ 420 e 210 (meia)

Pedro Figueiredo/Divulgação



Jonathan Ferr

Autor de tesouros da nossa canção popular, violinista se apresenta com a pupila Anna Paes no BNDES

Por Affonso Nunes

Uma parceria artística que nasceu num sarau há mais de uma década ganha novo capítulo com o lançamento de “Julietta no Convés”, álbum que reúne o violonista e compositor Guinga e a cantora Anna Paes. Os dois estarão no palco nesta quinta (4), às 19h, no Espaço BNDES. Anna construiu ao longo dos anos uma expertise singular na música de Guinga, transformando-se numa das principais intérpretes de seu repertório. Tudo começou com “Você Você - Anna Paes Canta Guinga” (2022).

Se no primeiro trabalho Anna

Paulo Rapoport/Divulgação



Guinga e Anna Paes; parceria musical nascida num sarau

aparecia como artista principal interpretando composições do violonista, no novo projeto ela assume também o papel de coautora, assinando três letras em parceria com Guinga. O repertório do show mescla canções do novo álbum com composições consagradas do universo guingiano.

A cantora destaca a evolução artística representada pelo novo trabalho. “Neste trabalho que era uma celebração à obra do Guinga eu aparecia como artista principal embora ele tocasse em todas as faixas. Agora, ele divide os créditos principais comigo e mostramos algumas parcerias nossas junto com canções do Guinga com outros sete parceiros”, explica Anna Paes cuja interpretação que respeita as sutilezas harmônicas e melódicas do compositor.

SERVIÇO

ANNA PAES E GUINGA
Espaço Cultural BNDES (Av. Chile, 100 - Centro)
4/9, às 19h
Entrada franca

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Francis é referência

O pianista Diogo Monzo se apresenta no Blue Note Rio nesta quinta-feira (4), às 20h, em show homenageando Francis Hime. Em “Maré”, seu novo álbum, ele se debruça sobre a obra inspirada do cantor, compositor, arranjador e maestro. “Em 2023, compartilhei esta ideia com Fernanda Quinderé, que se interessou imediatamente e entrou em contato com Olivia e Francis Hime. A partir daquele momento, com o apoio de ambos, o projeto começou a tomar forma. Tudo fluiu com naturalidade e entusiasmo”, conta.

Divulgação

Victor Soldano/Divulgação



Parceria antiga

Fundadores do Boca Livre, Claudio Nucci e Zé Renato celebram 40 anos do álbum “Pelo Sim, Pelo Não” - gravado após a saída de Nucci do quarteto vocal - em show no Teatro Rival Petrobras nesta quinta-feira (4), às 19h30. O repertório inclui clássicos como “A Hora e a Vez”, “Atravessando a Cidade”, “Quem Tem a Viola” e “Sapato Velho”, além de duas canções comemorativas: a inédita “A Bandeira do Porvir” e “Eu Sambo Mesmo”. A apresentação marca cinco décadas de parceria musical entre os artistas, reunindo sucessos que integram a memória afetiva brasileira.



Divulgação



Elis para sempre

A cantora Fernanda Santanna apresenta nesta quinta-feira (4), às 21h, show em homenagem a Elis Regina no Bottle's Bar, no Beco das Garrafas. O repertório intimista reúne clássicos criados por compositores como Milton Nascimento, Belchior, João Bosco, Tom Jobim e Ivan Lins gravados por Elis e que a consagraram como uma das mais potentes intérpretes da história da música brasileira. Entre as canções selecionadas por Fernanda estão sucessos atemporais como “Como Nossos Pais”, “Arrastão”, “O Bêbado e a Equilibrista” e “Águas de Março”.

ENTREVISTA / PAULO ERNESTO, APRESENTADOR E CRÍTICO DE CINEMA

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

‘Estar numa sala de cinema, vibrando junto com o público, é catártico’

Desde os tempos em que Adolfo Cruz (1922-2010), jornalista famoso pelo slogan “Falem mal, mas falem do cinema nacional”, agitava a Rádio Relógio, a Tupi e a Rádio Nacional com suas análises e dicas de filmes, o audiovisual do Brasil sempre arrumou um jeitinho de consagrar personalidades da imprensa cujo papel é sintonizar as plateias com as novas tendências da tela grande. Rubens Ewald Filho, que partiu em 2019, foi um titã desse ofício, que consagrou ainda talentos como os de Renata Boldrini, Anne Braune, Moisés Liporage, Simone Zuccolotto. Um dos expoentes desse Panteão de vozes que informam sobre invenções da arte cinematográfica, revisitando seu legado, é o mineiro Paulo Ernesto.

Ele ganhou notoriedade ao aparecer nos reclames publicitários de salas de projeção (em especial as do subúrbio do Rio) esmiuçando detalhes cruciais de longas que estão a caminho do circuito. Na Flix Media, virou uma referência do que se pode assistir de melhor no circuito e estendeu suas atividades para um site de referência, o AdoroCinema. Seu falar melífluo, calçado num cabedal analítico generoso, transformou suas inserções em público na maior diversão.

No papo a seguir, durante o Festival de Gramado, ele explicou ao Correio sua vocação e sua missão.

De onde que você vem nas Gerais? Qual foi o primeiro filme que você viu na sala de cinema? E qual é a sensação que você tem todas as vezes que você volta numa sala?

Paulo Ernesto - Eu sou de Patrocínio, na Zona da Mata, uma cidade que, quando eu nasci, não havia cinema. A sala que existia ficou fechada por um bom tempo e só reabriu quando tinha 10 anos.

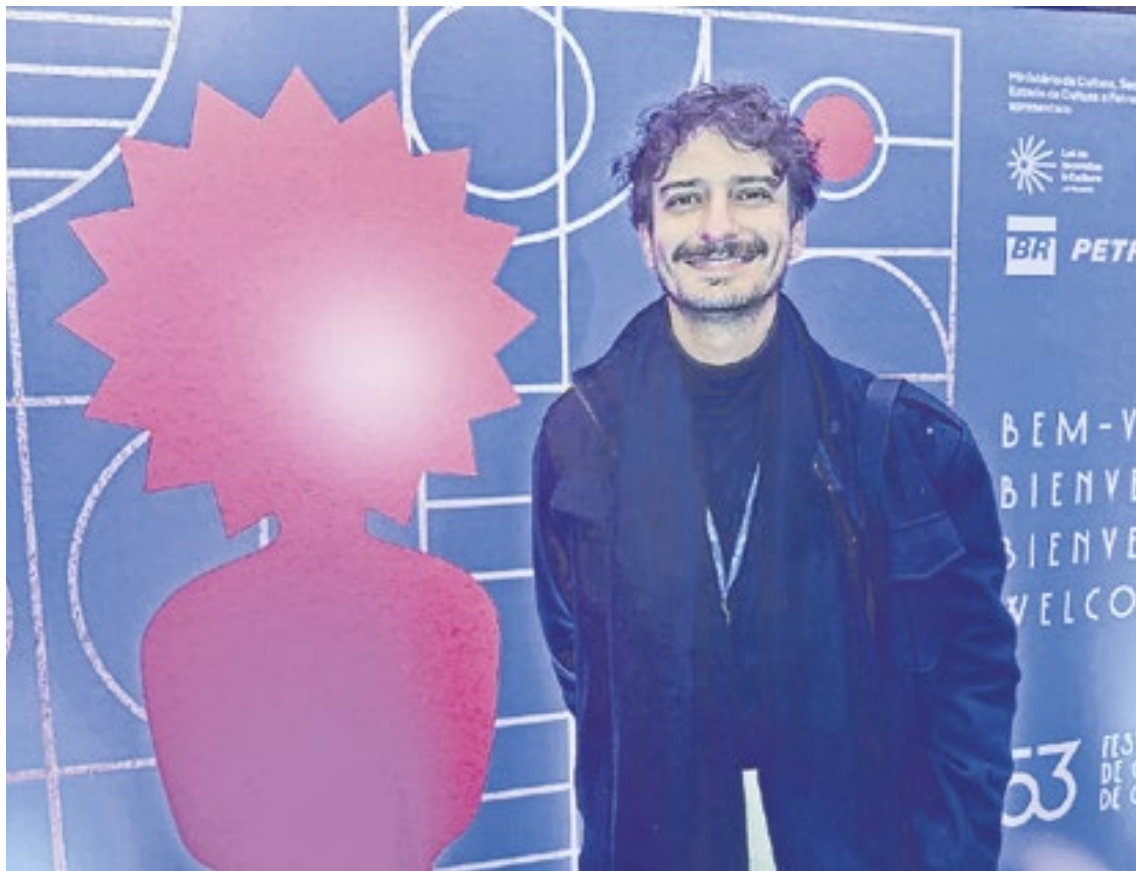
Eu assistia já a muito filme pela televisão quando eu pisei numa sala de cinema pela primeira vez, que foi para ver “Monstros S.A.”. Foi muito marcante para mim, e eu fui com o meu irmão. Depois disso, eu nunca mais parei de ir ao cinema. Voltar para um cinema é retomar um pouco dessa sensação de grandiosidade da primeira vez. Estar numa sala de cinema, vibrando junto com o público, é catártico.

Como você define o trabalho de formação de plateia que faz no Flix Media?

A gente aparece antes dos filmes e eu acho que é um primeiro contato com o público para já prepará-lo, ali, para o que ele vai ver. É um meio de a plateia aprender um pouquinho mais sobre os próximos filmes ou refletir sobre coisas que eles já viram. É uma forma de levar o público a imergir nesse mundo

de entretenimento, junto com os trailers e com as outras informações (reclames) que aparecem antes. É uma forma de dinamizar o conteúdo da tela, de tornar a ida ao cinema mais atrativa. Eu sempre fico muito feliz quando alguém fala que me assistiu em diversas cidades do Brasil. Daí, eu sempre pergunto que filme a pessoa foi ver e em qual cidade, porque é muito legal você notar o alcance do seu trabalho.

Rodrigo Fonseca



Você vai cobrir Brasília, em meados de setembro, mas teve uma rotina intensa em Gramado. Como é fazer esse trabalho formativo no festival mais popular do país?

Eu não me acostumo e sempre acho tudo muito bonito, muito grandioso. Num festival como o de Gramado, a gente tem contato com as equipes, entrevistando, assistindo filmes. Ali, dá para ver que a beleza do cinema, com sua intensidade de sentimentos, nunca morre. Eu não deixo de ser fã, mas, agora, carrego um olhar mais crítico.

Uma vez que você assumiu o ofício de formar olhares, o que as pessoas precisam ver para entender a sua cabeça?

Isso é difícil, porque eu ainda estou me entendendo. Sempre estou. Não tenho filmes favoritos. Algumas pessoas têm isso muito rápido. Eu, não, mas tem muitos filmes de que eu gosto por diversos motivos. Filmes que me marcaram bastante assim. Eu lembro de amar “Gladiador”, do Ridley Scott, quando eu era muito criança. Depois disso, me apaixonei por Sofia Coppola, por Wes Anderson. No cinema nacional, “Benzinho” é um filme pelo qual sou apaixonado. Gosto de “Oeste Outra Vez”, que é recente. “Ainda Estou Aqui” e “Central do Brasil” também precisam ser citados.



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Assim que começou a desenvolver “Pinóquio”, que lhe rendeu o Oscar de Melhor Animação em 2023 (e hoje está na Netflix), o mexicano Guillermo Del Toro comparou o boneco de pau ao Frankenstein da autora Mary Shelley (1797-1851). A analogia vinha do fato de ambos terem sido criados em resposta à carência (e à prepotência demiúrgica) alheia, sendo cobrados por um padrão de conduta que não condiz com a natureza que a Ciência lhes ofereceu.

“Gente fina, do tipo bonzinho não me interessa, pois eu cresci cercado de fábulas em que pessoas difíceis, de perfil torto, saem em uma jornada de autodescoberta, sempre pessoas de índole torta que precisam se tornar boas para serem amadas”, disse o cineasta, no Festival de Marrakech, meses após a conquista do Leão de Ouro por “A Forma da Água” (2017).

Ali havia um monstro aquático... que se apaixonava por uma faxineira incapaz de falar. Agora, em seu novo longa, que pode assegurar um segundo fêno dourado a Del Toro, o inventor Victor Frankenstein (Oscar Isaac) cria uma monstruosidade (encarnada pelo ator Jacob Elordi) para satisfazer seu desejo de ser Deus por um dia. A questão é saber que criatura é mais terrível: o ser alimentado por choques

AURORA DO



Victor Frankenstein mira sua criação no longa de Guillermo del Toro

TERROR

Em tempos de apogeu de manifestações cinematográficas autorais do sobrenatural, o Leão de Ouro pode parar nas mãos do Frankenstein de Guillermo Del Toro

elétricos que tal cientista criou ou ele mesmo, Victor, em sua despótica ambição. “Este filme conclui uma pesquisa que, para mim, começou nos meus sete anos, quando vi pela primeira vez os filmes de Frankenstein de James Whale. Naquele momento crucial, senti um sobressalto de consciência: o terror gótico tornou-se minha religião e Boris Karloff, o meu Messias. A obra-prima de Mary Shelley está re-

pleta de perguntas que queimam minha alma: perguntas existenciais, ternas, selvagens, sem saída, como só uma mente jovem pode fazer e às quais apenas os adultos e as instituições acreditam poder responder. Para mim, porém, apenas os monstros detêm a resposta para todos os mistérios. Eles são o mistério”, poetiza Del Toro em depoimento ao site do festival veneziano que, de novo, pode fazer dele seu vencedor.

Há concorrentes fortes (“Coração de Lutador – The Smashing Machine”, com Dwayne Johnson; “La Grazia”, de Paolo Sorrentino; e “L’Étranger”, de François Ozon), mas Del Toro chega à caça aos leões da Itália sintonizado com uma fase de apogeu plástico e dramático do horror como alegoria política. O melhor exemplo é o fenômeno de bilheteria “Pecadores”, de Ryan Coogler, que escancara a luta antirracista por meio de vampiros. Em agosto, o Brasil produziu com

a Romênia uma reflexão sobre as maldições econômicas do planeta baseada na figura do mais famoso bebedor de sangue da ficção: “Drácula”, de Radu Jude, indicada ao Leopardo de Ouro de Locarno.

Paralelamente, outro cineasta de verve autoral, Luc Besson (de “O Quinto Elemento”), usava a lenda de Vlad Tepes, o empalador para discutir a finitude do corpo num contraponto à eternidade da alma no suntuoso “Drácula: Uma

História de Amor Eterno”. No início do ano, Robert Eggers ampliou o prestígio que adquiriu ao ser premiado em Cannes com “O Farol”, em 2019, ao reviver “Nosferatu”, de 1922, com dilemas existenciais da contemporaneidade.

Nesta quinta, o terror volta a inspirar debates geopolíticos com a chegada de “Invocação do Mal 4: O Último Ritual”, novo capítulo do icônico universo cinematográfico idealizado pelo ás do assombro James Wan (“Jogos Mortais”), baseado nas ações dos renomados investigadores paranormais Lorraine e Ed Warren. Vera Farmiga e Patrick Wilson retornam aos papéis desse casal de inimigos do Capeta, que já enfrentaram o trem-ruim A Freira e a boneca Annabelle. A ameaça da vez é uma infestação diabólica. Desde 2013, essa franquia faturou US\$ 848 milhões. O quarto episódio pode virar um dos maiores faturamentos de 2025.

Na reta final de Veneza, uma produção tunisiana dirigida por Kaouther ben Hania, “The Voice of Hind Rajab”, desponta com certo favoritismo para a premiação apoiada numa recriação da violência em Gaza. A trama volta no tempo até 29 de janeiro de 2024. Ali, voluntários da Cruz Vermelha recebem uma chamada de emergência: uma menina de seis anos está presa em um carro sob fogo cruzado, implorando por socorro. Enquanto tentam mantê-la na linha, eles fazem tudo o que podem para enviar uma ambulância até ela. Seu nome era Hind Rajab. Daí já se imagina a comoção. Sábado o júri presidido pelo diretor Alexander Payne (“Os Rejeitados”), com Fernanda Torres no time votante, dá seu veredicto.



Em ‘Pecadores’, o diretor Ryan Coogler parte do terror para escancarar o racismo



O casal Warren no quarto volume de ‘Invocação do Mal’, delineado por James Wan

Analú Pimenta (Dolores Duran), Taty Aleixo (Elza Soares), Roberta Ribeiro (Alcione), Maria Vitória Rodrigues (Carmen Costa) e Chelle (Iza)



Pérolas negras

‘Vozes Negras’ retorna ao Teatro Adolpho Bloch com seis montagens que homenageiam de Carmen Costa a Ludmilla

O Teatro Adolpho Bloch recebe a partir desta quinta-feira (4) a segunda temporada de “Vozes Negras – A Força do Canto Feminino”, projeto que celebra a contribuição de cantoras e compositoras negras para a música brasileira. Após o sucesso da estreia em 2022, o espetáculo retorna com sua proposta inovadora de apresentar seis montagens diferentes ao longo de seis semanas, cada uma dedicada a artistas específicas que marcaram gerações distintas da música nacional.

A concepção do diretor Gustavo Gasparani, conhecido por musicais como “SamBRA” e “Otelô da Mangueira”, adota o formato de série televisiva transposto para o teatro. A cada semana, canções, textos e direção se renovam conforme o contexto histórico e artístico das homenageadas. O projeto conta com dramaturgia desenvolvida em parceria com o jornalista e realizador cultural Rodrigo França, responsável por produções voltadas ao público negro como “Oborô – Masculinidades Negras”.

A primeira semana, de 4 a 7 de setembro, revisita a Era de Ouro do Rádio através das trajetórias de Carmen Costa e Elizeth Cardoso, duas pioneiras nascidas em 1920 que superaram barreiras sociais e raciais para alcançar reconhecimento internacional. O segundo espetáculo, entre 11 e 14 de setembro, mergulha nas raízes do samba com Clementina de Jesus e Dona Ivone Lara, conectando a ancestralidade dos terreiros às contribuições das “tias” baianas na formação do gênero.

A terceira semana, de 18 a 21 de setembro, explora a sofisticação do samba-canção e da bossa nova através de Dolores Duran e Alaíde Costa, duas artistas que transformaram adversidades em arte refinada. Entre 25 e 28 de setembro, o foco recai sobre Alcione e Elza Soares, vozes que transcenderam rótulos e conquistaram reconhecimento internacional ao expandir os limites do samba tradicional.

O quinto espetáculo, de 2 a 5 de outubro, celebra Sandra de Sá e Margareth Menezes, representantes do soul e do afropop que colocaram o país para dançar nas décadas de 1980 e 1990. A série se encerra entre 9 e 12 de outubro com as “Novas Gerações”, homenageando Tati Quebra Barraco, Iza e Ludmilla, três cariocas que redefiniriam os códigos da música popular contemporânea.

Cada apresentação funciona de forma independente, permitindo ao público assistir em qualquer ordem. Após cada espetáculo, ocorre um debate com convidadas especialistas e participação da plateia sobre temas como racismo e feminismo negro na atualidade. A supervisão de representações raciais e de gênero fica a cargo de Deborah Medeiros, garantindo abordagem respeitosa e fundamentada.

O elenco reúne Analú Pimenta, Maria Vitória Rodrigues, Roberta Ribeiro, Vanessa Brown, Taty Aleixo, Chelle, Lu Vieira e Maria Ceíça, acompanhadas pelo coro Candaces, formado por Maria Antônia Ibraim, Amanda Rocha, Carolina Carsi, Daniela Dejesus, Jessica Santos, Nanda Santos e Neêga Bharbosa. A direção musical e os arranjos são assinados por Cláudia Elizeu e Wladimir Pinheiro.

SERVIÇO

VOZES NEGRAS - A FORÇA DO CANTO FEMININO
Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 – Glória)

De 4/9 a 12/10, de quinta a sábado (20h) e domingos (19h)

Ingressos entre R\$ 25 a R\$ 170

Vantoen Pereira Jr/Divulgação

Elisa Lucinda sobe ao palco do Teatro Correios Léa Garcia, no Centro, nesta quinta-feira (4), às 19h, para dar vida à Mãe do Mundo, personagem central de “O Princípio do Mundo”, espetáculo inédito que marca os 18 anos da Companhia da Outra. A montagem, que tem dramaturgia da própria Elisa em parceria com Geovana Pires, também diretora da peça, propõe uma reflexão profunda sobre ancestralidade, patriarcado e a força feminina através de uma estrutura inteiramente poética.

A obra parte de um pressuposto provocativo: a primeira criatura humana foi criada por uma mulher. Desenvolvendo essa premissa, o espetáculo se desdobra como um manifesto em favor do matriarcado e contra a orfandade contemporânea dos ensinamentos dos povos originários. “Estamos propondo uma ocupação menos predatória e menos violenta do mundo. É inadmissível que ainda hoje o masculino represente uma ameaça à vida de uma mulher”, destaca Elisa Lucinda, que vê na montagem uma convocação para uma cultura antibélica.

A dramaturgia, conta Elisa, surge de um recorte de uma de suas obras, “Aviso da Lua que Menstrua”, mas que aborda questões urgentes dos dias de hoje. “Vivemos um momento em que as pessoas não sabem como lidar com as crianças e os adolescentes, e muitos jovens estão órfãos de natureza e contatos presenciais”, argumenta. Diante desse cenário, a peça se apresenta, nas palavras da atriz e autora, como “um mosaico de ideias para a construção de uma cultura de paz”.

A montagem dialoga diretamente com as tradições africanas nas quais o conhecimento ancestral é transmitido através de encontros ritualizados. Como lembra o ditado africano citado por Elisa, “quando um ancião morre, morre uma biblioteca”. E essa filosofia permeia toda a dramaturgia, que busca fortalecer as raízes culturais para que o futuro possa florescer. “Para viver a Mãe do Mundo tivemos que atravessar essa ancestralidade, mergulhar num começo anterior à narrativa oficial que conhecemos”,



Elisa Lucinda e o jovem Gabriel Demarchi estão em 'O Princípio do Mundo'

Reconexão à sabedoria ancestral

Elisa Lucinda estreia espetáculo inédito que questiona o patriarcado e celebra os fundamentos matriarcais

explica a atriz, que se diz em “estado de gratidão” com seus fundamentos ao interpretar essa personagem.

O processo criativo da peça seguiu um caminho pouco convencional, com a dramaturgia sendo construída simultaneamente aos

ensaios. Geovana Pires, que assina a direção, descreve essa metodologia como uma “entrega absoluta”, comparando-a a uma conexão espiritual com o teatro. “É como se fôssemos guiadas por esse deus do teatro que vai dizer como espiritualmente

o espetáculo deve existir”, afirma a diretora, destacando como essa abordagem deixa tudo “vivo, menos engessado”.

Uma característica marcante de “O Princípio do Mundo” é sua estrutura totalmente rimada,

uma primeira experiência para Elisa Lucinda. “É a primeira vez e é de propósito. Queremos que o texto seja uma estrela. Acredito na palavra como ouro, assim vejo a força da cultura oral”, justifica a dramaturga, que vê nessa escolha estética uma forma de potencializar o poder encantador da palavra. Embora assinado principalmente por ela, o texto incorpora versos de Geovana Pires e até mesmo um poema de Gabriel Demarchi, o jovem ator que faz sua estreia profissional na montagem.

Gabriel, de apenas 14 anos, não apenas divide a cena com Elisa Lucinda, mas também embala trechos da peça tocando kamale ngoni, instrumento conhecido como harpa africana. O jovem ator aprendeu a tocar o instrumento em duas semanas especialmente para o espetáculo. “Foi um desafio rápido, mas muito gostoso, porque o som tem tudo a ver com o clima da peça e me conectou ainda mais com a história”, conta Gabriel.

O espetáculo funciona também como um elogio à velhice e à sabedoria ancestral, contrastando com uma sociedade que frequentemente desvaloriza os mais velhos. “Nas sociedades indígenas e africanas o velho é considerado um sábio. Em sua volta, toda aldeia se reúne para desfrutar de seu saber e o melhor, o jovem gosta do abrigo dessa sabedoria”, observa Elisa, que convida o público a “confiar no tesouro que o ser humano é, com seus recursos e saberes antigos que moram em nossa memória”.

Com uma proposta que mescla reflexão política, celebração cultural e experimentação estética, “O Princípio do Mundo” se apresenta como um convite à reconexão com fundamentos que a modernidade ocidental relegou ao esquecimento. “A natureza é uma escola que não fecha”, afirma a atriz.

SERVIÇO

O PRINCÍPIO DO MUNDO
Teatro Correios Léa Garcia
(Rua Visconde de Itaboraí,
20 - Centro)

De 4 a 27/9, de quinta a
sábado (19h)

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Um realizador longe de modismos

Por Henrique Artuni (Folhapress)

Para Rogério Duprat, compositor das trilhas de seus filmes, Walter Hugo Khouri tinha um “problema”: ser artista.

Essa perspectiva é o ponto de partida do livro de Donny Correia, a primeira obra a oferecer um panorama abrangente da carreira do cineasta, fruto de vasta pesquisa em seu acervo pessoal. Khouri, um homem de ideias, construiu uma filmografia singular e coerente, embora pouco reconhecida por décadas. Desvinculado de modismos, ele se dedicou a um cinema filosófico, protagonizado por icônicas belidades como Norma Bengell e Lillian Lemmertz, e profundamente imerso na psicologia e no erotismo de seus personagens.

Filmes emblemáticos de sua obra incluem “Noite Vazia” (1964), seu título mais conhecido, que aborda a melancolia na metrópole, e “Amor, Estranho Amor” (1982), famoso pela polêmica envolvendo Xuxa. Correia defende “Amor, Estranho Amor” como um drama político-erótico que, ambientado às vésperas do golpe de 1937, cutucava o regime militar ao retratar conchavos entre políticos. O capítulo dedicado a este filme é um dos mais extensos do livro, combinando crítica, análises psicanalíticas, entrevistas e os próprios arquivos de Khouri, hoje sob a guarda de seu neto, Wagner.

A entrada de Xuxa no filme “Amor, Estranho Amor” se deu pela insistência de Pelé, amigo de Khouri. O filme foi inicialmente um grande sucesso, com mais de 1 milhão de espectadores. A controvérsia surgiu em 1987, quando Xuxa, já a “Rainha dos Baixinhos” na Globo, embargou a distribuição da obra em VHS, alegando violação contratual. Difamado por supostas cenas de pedofilia, o filme desapareceu do circuito por décadas, só voltando a circular em 2021.

Esse episódio ilustra os desafios enfrentados por Khouri como profissional do cinema, que, apesar das dificuldades do mercado nacional, realizou 26 longas entre 1951 e 1998, criando uma obra vasta e autoral. Khouri dizia que sua filmografia era “um só” filme, um “cinema de atmosfera”, sempre em busca de algo que “fermenta em nós”.

Distante das propostas do Cinema Novo e suas pautas populares (como “Deus e o Diabo na Terra do Sol”), Khouri foi frequentemente taxado de alienado ou imitador de cineastas europeus como Bergman

O livro de Donny Correia mostra que Walter Hugo Khouri foi um diretor preocupado em realizar o que chamava de sistema de atmosfera

Acervo familiar

Livro relê o cinema de Walter Hugo Khouri, de ‘Noite Vazia’ e ‘filme proibido’ de Xuxa

e Antonioni. Correia, porém, argumenta que, enquanto o cinema de Glauber Rocha cativava o público europeu, Khouri expunha a “burguesia como um câncer”. Em “Noite Vazia”, seu maior sucesso, exibido no Festival de Cannes de 1964, ele traçou uma crônica do espírito paulistano blasé, marcada por um sentimento de luto permanente. A noite erótica entre os personagens do filme não culminava em redenção, mas em ruína moral. Khouri chegou a ter problemas com a censura, não por cenas de seminudez, mas por não conceder um final redentor a um de seus personagens.

A carreira de Khouri, e a recém-fundada Kamera Filmes (em sociedade com seu irmão), quase foi arruinada por essa situação. Anos mais tarde, eles viriam a salvar a falida Vera Cruz da tomada por um banco. O êxito de “Noite Vazia” ajudaria a com-

pensar a bilheteria modesta de seus dois filmes seguintes, “O Corpo Ardente” (1966) e “As Amoras” (1968), que formam a chamada “trilogia cinza”. “As Amoras” revela o processo criativo do cineasta e sua descrença no engajamento político, personificada por Paulo José no papel do angustiado estudante Marcelo – um arquétipo que reapareceria em outros filmes, como “O Último Êxtase” (1973) e “Eu” (1987).

Marcelo simboliza os “desejos humanos que nunca se completam”. O universo khouriano tem o masculino e o feminino como eixos centrais, como evidenciado em análises de filmes como “O Palácio dos Anjos” e “As Deusas”. Lillian Lemmertz, no papel da atormentada Ângela em “As Deusas” (1972), consolidou-se como a diva do cineasta, culminando em “Paixão e Sombras” (1977), uma obra metalinguística na qual um diretor lamenta a perda de sua estrela-fetiche (vivida por Lemmertz) para a televisão, ecoando a própria experiência de Khouri.

Apesar da relevância de sua obra, o acesso aos filmes de Khouri é atualmente um desafio. Segundo seu neto Wagner, apenas sete obras pertencem à família. A digitalização do acervo, embora existam boas cópias sob a guarda da Cinemateca

Brasileira, é um processo oneroso. Os filmes ocasionalmente retornam à programação de mostras. Wagner permite que alguns filmes estejam no YouTube (mesmo com infração de direitos autorais), afirmando que isso cumpre a função social de garantir o acesso ao público.

Wagner, neto de Khouri, que atua na área de economia e marketing, encara a herança de forma pragmática: “Não sou o maior especialista na obra do meu avô, mas sou guardião desse acervo.” Ele busca um “lar adequado” e a digitalização dos milhares de documentos, idealizando um “Instituto Walter Hugo Khouri” para o material, que ele deseja ver acessível ao público em um ambiente museológico.

O professor planeja uma obra separada para explorar os filmes de terror “As Filhas do Fogo” e “O Anjo da Noite”. E Wagner organiza um livro de fotografias de seu avô e uma exposição. Khouri tirava e organizava fotos de cena em álbuns, como os três volumes de “Noite Vazia”, que contêm cenas inéditas e estão em excelente estado de conservação, mesmo após 70 anos.